

SUPLEMENTO
HUMORISTICO B

O SECULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DASILVA GRACA, Limit.*

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

A ultima zaragata de Marrocos



—Veem fazer questões em minha casa e ainda em cima eu é que tenho de pagar as diferenças!



PALESTRA AMENA

Nós e o Japão

Os japoneses conhecem-nos ha multissimos anos, como é geralmente sabido; se a memoria nos não falla, esse conhecimento data, nada mais nada menos do que da visita do nosso Fernão Mendes Pinto àquella paragem, por sinal que achámos imensa graça a pôr lá comerem arroz com dois pausinhos e lá acharam-nos tambem imensa graça em não usarmos talheres de pau nem de coisa nenhuma.

Pois é verdade; desde então o Japão tem os olhos postos em nós e agora mesmo acaba de mostrar que não nos perde de vista, pois que, por intermedio do seu representante, acaba de solicitar do governo portuguez que lhe sejam enviadas todas as leis aqui promulgadas sobre os varios ramos da actividade nacional...

Dir-se-ha que os japoneses, como povo sornabatico que é, quiz, á maneira daquela Consuelo da zarzuela, que em vão procura durante anos um meio de distrair o filho e que por fim o vê rir ás gargalhadas quando lhe metem na mão um par de castanholas, quiz—diziamos—chamar um sorriso aos labios. Dir-se-hão mais outras falsidades semelhantes, mas tudo será má lingua, porque lá diz o jornal, d'onde extraímos a noticia, que o que o governo japonês pretende é fazer a propaganda no seu paiz, das medidas tomadas pelo governo da Republica Portuguesa desde a sua implantação.

Está muito bem; agora, deem-nos os amarelos licença para lhes dizermos que não sabem em que se meteram. É certo que as leis promulgadas pelo governo da Republica Portuguesa são tantas que dão para distribuir apenas uma a cada japonês e que com essa a contas, lendo-a, meditando-a, digerindo-a, um cidadão nipónico tem bem com que se entretenha a vida inteira. Mas não é isso o que se procura fazer: é a propaganda de todas, é obrigar cada japonês a ler todas as leis portuguezas, desde a dos ratos á dos pianos, ou sejam muitos milhares delas; e como onde umas dizem pre'o outras dizem branco, onde umas dizem que sim outros dizem que não, onde umas puxam para a direita outras puxam para a esquerda, bem pôde o governo nipónico mandar abrir manicomios para os miseros cidadãos que tenham de as ler!

Além d'isso, ainda depois de lidas, meditadas e digeridas, para que diabo lhe servirão tanto trabalho? Provavelmente lá por esses orientes pensa-se que essas leis se fizeram para se cumprirem e que aqui se cumprem na verdade. Mas é ingénuos subditos do micado! Tudo aquillo foi feito para encher e papel, carissimos amigos e para expandir o nosso humorismo — mas Deus os livre de as pôrem em pratica, porque ninguem mais se entenderia!

Um conselho: peçam-nos a legislação

do tempo de Fernão Mendes Pinto e governem-se com ela que vão bem, como nós iríamos se fizéssemos o mesmo...

J. Neutral.

Livros, livrinhos e livrecos

«Cancer du poumon», comunicação apresentada pelo sr. dr. Decio Ferreira no Congresso de Radiologia e Fisioterapia, realizado em Londres, em Abril deste ano—Lêem-se com grande interesse as 20 paginas d'este folheto, que até leigos comprehendem, com a condição de saberem francês, porque em francês são escritas.

Trata-se d'um cancro nos pulmões do sr. Antonio Jacinto Ovelha, natural da Vidigueira «on il exerce le métier de carrossier et joue en outre—du saxophone».

O sr. dr. Decio Ferreira conseguiu, pelo radio, não converter o Ovelha em Carneiro, porque a sciencia não vai tão longe, mas que o do nte melhorasse, a ponto de ainda hoje continuar a tocar saxofone dum modo muito agradável.

Agradecemos ao illustre clinico e nosso amigo a oferta da sua obra.

Um jantar... e granadas

Mal refeitos da digestão da almoçada aos brancos auctores do «J. P. C.» e dontras obras primas do teatro alegre, já os amadores dos bons peisecos teem ensejo de encher novamente a pança, inscrevendo-se para o banquete que d'aqui a dois dias vai ser oferecido ao Machado dos Santos.

É claro que os «menús» são diferentes. Emquanto que o do primeiro foi todo literario, o segundo tem um



sabor absolutamente belico, como se vai ler:

- «Fígado de leão à la Rotunda».
 - «Ovos á la dinamite».
 - «Miolos de talassas à la amnistia».
 - «Peixe espada à la guarda republicana».
 - «Filetes de padres à la broche».
 - «Pudim de melinite».
 - «Frutas: ameixas de browning», etc.
 - «Vinho: Sangue de Cristo».
 - «Licor: Vitriolo».
- Vai ser o que se chama—de estalo!

Noivos encravados

Muito nos comoven a noticia, inserta nos jornais de ha oito dias, de ter sido roubado nos caminhos de ferro um vestido de noiva, no valor de 10 mil escudos, mas não percebemos de modo algum o espalhato que por aí se fez com some hante incidente e muito menos que os roubados incomodassem a policia, que por sinal, descobriu tanto o auctor do roubo como a rapaziada do «Seculo Comico» descobriu a America.

E porque é que não percebemos?

1.º—Porque essa coisa de desaparecer objectos confiados á guarda da Companhia dos Caminhos de Ferro Por-



tuguezes, pelo que se lhe pagam grossas quantias; é d'uma tal frequencia e banalidade que só quem fór tólo é que conta que esses objectos cheguem ao seu destino.

2.º—Porque o roubo não vale dois caracos. Um vestido de 10 mil escudos isto é, um vestido que, em moeda antiga, valeria uns dezoito tostões quando muito! Vê-se que a noiva é pessoa muito modesta, o que não fica mal a ninguem; mas por mais falta que lhe façam os 10 contos de reis, isso é coisa que facilmente pode ganhar em dois ou tres dias, em costura—por exemplo.

Ora então deixem lá os homens dos caminhos de ferro em paz, com flôres de laranjeira e tudo.

Torre de Chifre

Os herois

O' quão glorioso combate
E' aquele que se trava
Quando o direito se debate
E outro modo não restava!

Os dois inimigos frente a frente
Encontram-se na peleja,
Chove a metralha inclemente,
O espingardear da deja.

Correm os de cavalaria,
Correm tambem os infantes,
Ha choque, fusilaria,
Ficam alguns triunfantes.

Sim, triunfa o direito,
Sempre contra a força bruta,
O inimigo fica desfeito
N'aquella medonha luta.

Oh! saudemos os herois
Sobreviventes da victoria
Que hão-de brilhar como sois
Eternamente na historia!

DOMINGOS T. S. FREIRE



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa du mê curasão:

Lá fui o almosso ofereseido ós noços cumpadres, Arnesto Rudrigues, Juão Vastos i Feles Bramundes i istou munto çatisfeto porque tudo curren na melhor orde i tal cim cinhor cin bubederas de maior i muita çaude ós infitriões ca quilo cumeram que inté parsia uma desema quinta de pessa de cussesso; sim sinhores minha Zefa de pur munto bem impregados os vinte a cinco mel reis ca coisa me custon porque me inxi de dar urros i inxi tamem u bau cumo vais ver pello seguinte que foi u que cumemms in fransiú mas é voute tarduzir porque tu grassas a deus nan çabes linguas de fóra:

1—«Oeufs à la cardinal».—«Ovos de cardial», refrensia delicada á seia dus cardiais do sr. Julio Dantes.

2—«Langouste sauce mayonnaise»,—«gosta cum salça maionesa.



3—«Suprême de volaille»,—aves de pena cum alhos.

4—«Filets de boeuf au Perigueux»,—filetes de boi perigoso, isto é de toiro.

5—«Bombe panaché»,—bonbas cum pehaxo.

6—«Fruits de sésons»,—frutas cum ceções.

E vai ós pois voute agora fallar nu «Sercio ó rei» qui é u ultimo cussesso grandioso incunparabile i sin presedentes dos noços triatros cujo sercio ven a ser cuma peçoia sinta-ce na pelateia i fica toudo sercado de peçoas cum grandes vingalas a batter nu xão mais de duas oras i a berrar pró palco fora u urso i a fazorem un banzé que parsia as noças féras du ano ó cando apparesem macacos lá in Peras Ruivas. Ca pesa nan desfazendo é munto linda que inté mete um eropelano cum un pelisia nas bordas i a sinhora Tareza Taveira á ponta i é touda xeia da grassa benza a deus mas é é que não oivi nada porque nam me dechavam i a pesa paçou-se touda na pelateia i ninguem atirou cum batatas porque já se bé a çusado u quilo tó caroxo bou ali i já banho. I cum isto nan te infado mais porque tunho de ir acestir a oitra pessa cuja esta é fêta pelo sr. Curtezão i nan é istoirica grassas a noço sinhor ca jente já nan istá para istoiras i paça

EM FOCO

Lisboa

Soneto oferscido á ex.^{ma} Camara Municipal

*Sujidade, imu dicie, porcaria,
Estrume, peixe pôdre, lixo eterno,
Poira de verão, lama no inverno,
Mosquedo, gatos morto; rataria*

*Sacudir de lençois ao meio dia
Para a rua lançar o adubo interno,
Um fedôr que não ha no proprio inferno,
Mixto de gazolina e cheiro a pia;*

*Tal é Lisboa, a porca onde m' atasco,
Que o cidadão mais solido en' ena,
Como qualquer cavalaria ou tasco.*

*Dito o que, nesta forma dôce e amena,
Falha de inspi ação mas cheia de asco,
Vou comprar sublimado—e lavo a pena.*

BELMIRO



pur la munto ben mal us caxopos us buacos e quem pur min préguntar ca minha ó fazer desta antes açim que nanja pior teu inté cando deus quixer.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.

Conspiratas

Anda uma pessoa sempre com o credo na boca, n'esta boa cidade de marmore e de calices de granito; e anda com o dito credo na dita boca, porque não ha um dia em que se não leia que foram apanhados a conspirar aqueles dez ou doze monarchicos que todos conhecemos e que não podem estar quietinhos por mais bichinhas gatas que se lhes faça.



Ora, tudo se podia combinar perfeitamente, para não vivermos em continuos sobresaltos. Somos todos de casa, não é assim? Os srs. conspiradores são sempre os mesmos, não é assim? Acontece-lhes sempre o mesmo, isto é, são presos n'um dia e no seguinte são soltos, não é assim?

Pois então resolvemos, todos, do comum acordo, que se reserve um dia por semana para conspiratas, como se reserva um dia para descanso: ás sextas-feiras, por exemplo, que é dia aziago, os srs. dez ou doze monarchicos vestem um balandran, dão vivas a D. Sebastião ou lá quem é, e a gente já sabe que n'esse dia anda com o coração te-te-te.

Prometido isto, até é desnecessario prendel-os porque d'ali não passam.

A telegrafia sem fio

Pela ultima vez—pois que o praso para recebermos as versões termina em 31 do corrente—af vai a celebre poesia franceza que tem dado agna pela barba aos srs. tradutores:

La télégraphie sans fil

*De Philadelphie
Jusqu'aux bords du Nil,
La télégraphie
Sans le moindre fil
Va permettre à l'homme,
Très prochainement,
De pouvoir en somme,
Causer librement.
Cette invention merveilleuse
Fera, je crois, beaucoup d'heureux
Mais elle sera précieuse
Surtout pour tous les amoureux!
Lorsqu'ils le voudront,
Sans être vus de personne,
Tendrement,
Sans même qu'on les soupçonne,
Echanger plus d'un serment
Grâce à ce nouveau système,
On pourra dire: Je t'aime
Même
Au nez d'un époux
Jaloux!*

Prosperidade inesperada



— Lêste nos jornais, a proposito do déficit, que cada português deve 25 escudos?

— Li e estou contentíssimo: nunca julguei que me fiassem tanto dinheiro?